



O empresário Olacyr de Moraes (à direita) diz estar confiante no programa econômico defendido por Marcílio

Aumento de concordatas preocupa empresários

SÃO PAULO — "Uma reação nuclear". É a situação que o superintendente do grupo Votorantim, Antônio Ermírio de Moraes, espera que o país comece a viver se continuar ocorrendo uma concordata aqui e outra acolá, como a do grupo Lorenzetti, ontem.

Antônio Ermírio foi um dos 18 empresários peso-pesados que almoçaram com o ministro Marcílio Marques Moreira, num dos mais requintados restaurantes da cidade, o Santo Colombo. Todos saíram convencidos do encontro de que o País continuará enfrentando uma forte recessão nos próximos meses, depois que Marcílio reiterou que persistirá, no início de 1992, com a política

monetária apertada, o forte ajuste fiscal e fechará um acordo com os credores externos.

Segundo Antônio Ermírio, a concordata da Lorenzetti é um muito preocupante, porque a "quebra-deira" de empresas, além do desemprego, já reflete a política recessiva do Governo. Em sua opinião, se o cenário da economia não mudar, o número de concordatas e falências vai aumentar muito mais.

O presidente da Gradiente, Eugênio Staub, por sua vez, estima um primeiro trimestre de 1992 recessivo, mas não acredita numa "onda" de concordatas.

— Eu não vou ser terrorista e falar que vão aumentar as concordatas. Acho que o caso da Lorenzetti é isolado — afirmou.

Depois de considerar que uma concordata é "sempre triste", o Presidente do grupo Ultra, Paulo Cunha, disse esperar que não cresça o volume de concordatas.

Confessando-se confiante no programa defendido pelo ministro, o presidente do grupo Itamarati, Olacyr de Moraes, previu que a recessão vai se acenhar no primeiro trimestre de 1992 para que a economia se estabilize a partir de março. Garantiu que não fez qualquer tipo de pedido durante a reunião e lembrou:

— Estou consciente de que a guerra pode ser ganha nos próximos meses. É um desafio que podemos vencer — salientou.